

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA DE PÓS-DOCTORADO
O CONCEITO DE IDEIA EM KANT:
RAIZ DA RELAÇÃO ENTRE IDEIA, REPRESENTAÇÃO E IDEAL EM SCHELLING
SUPERVISOR:
PROFESSOR DOUTOR MÁRCIO SUZUKI
CANDIDATA À BOLSA:
MARÍLIA BATISTA COTA PACHECO
INSTITUIÇÃO SEDE:
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

RESUMO

Neste projeto de pesquisa pretendemos aprofundar o tema desenvolvido na tese de doutorado, a partir de uma questão subjacente à dialética da imaginação em Schelling, a saber: o próprio conceito kantiano de Ideia é a raiz da relação entre ideia, representação e ideal em Schelling, que implica uma exposição simbólica. Em suma, uma pesquisa sobre a relação entre Ideia e alma em Kant, a partir “Dos Paralogismos da Razão Pura”, pode ser o ponto de partida da seguinte compreensão: a dialética da imaginação em Schelling é, por assim dizer, o fio condutor de sua obra como um todo, independentemente de suas visíveis incongruências. Neste sentido, o objetivo geral desse projeto de pesquisa de pós-doutoramento é ratificar a origem kantiana de sua dialética da imaginação a partir de um período anterior a sua filosofia da identidade; no caso, o seu ensaio sobre o *Timeu*. Com isso, obteremos material para validarmos ou não a nossa leitura de sua dialética da imaginação no período posterior a sua filosofia da identidade. Para tanto, os principais textos em questão serão os “ditos” escritos sobre a liberdade, dentre os quais ressaltamos: “...A essência da liberdade humana (1809),” “Lições de Stuttgart (1810),” “Conferências de Erlangen (1821).”

São Paulo
Agosto de 2011

**KANT'S CONCEPT OF IDEA:
THE BASE OF SCHELLING'S RELATION OF IDEA, REPRESENTATION AND IDEAL**
SUPERVISOR:
PROFESSOR DR. MÁRCIO SUZUKI
CANDIDATE:
MARÍLIA BATISTA COTA PACHECO
INSTITUTION:
**SÃO PAULO UNIVERSITY
PHILOSOPHY DEPARTMENT**

ABSTRACT

In this project research we will carefully examine the discussion of our doctoral thesis, starting from the subjacent question on Schelling's dialectics of imagination: Kant's concept of Idea as the base of Schelling's relation of idea, representation and ideal, which implicates a symbolical exposition. In short, starting from "Paralogisms of Pure Reason", a research on Kant's relation of idea and soul might be the starting point to the following understanding: Schelling's dialectic of imagination is, so to speak, the conducting thread of his work as a whole, regardless of his evident incongruities. In this sense, this post-doctoral project research aims to ratify the Kantian source on Schelling's dialectics of imagination from a period before his philosophy of identity; in this case his essay on Plato's *Timaeus*. Therefore we will achieve the resource to acknowledge or not our interpretation on his dialectics of imagination in a period after his philosophy of identity. To this end, we throw into relief the main texts of the so-called works on freedom: "Philosophical Inquires into Essence of Human Freedom (1809)," "Stuttgart Lectures (1810)" and "Erlangen Lectures (1821)."

São Paulo
August 2011

1. ENUNCIADO DO PROBLEMA

Em 1794, Schelling escreve o ensaio¹ sobre o *Timeu* de Platão, onde, como se sabe, o personagem central é Crítias que conta a história da Atlântida, sendo precedido pela descrição de um sistema cosmogônico, por Timeu. Em linhas gerais, Schelling subverte tal descrição numa relação entre os conceitos de ideia, representação e ideal,² ressaltando que devemos compreendê-la como o produto de uma forma pura do entendimento através da qual a matéria se expõe. Subverter a cosmogonia do *Timeu* em tal relação já é, ao nosso ver, um ensaio do autor sobre uma dialética da imaginação que implica, por sua vez, a questão da individuação.³

Isso indica que desde o início de sua produção filosófica Schelling buscava estabelecer um nexos essencial entre o processo de individuação e uma dialética da imaginação. Tal vínculo fica evidente no período de sua filosofia da identidade,⁴ onde o autor demonstra que a intuição intelectual coincide com o autoconhecimento do Absoluto na razão porque: “*para a própria consciência, há um ponto onde o próprio Absoluto e o saber do Absoluto são simplesmente um*”.⁵ Segue-se que, no período de sua filosofia da identidade, o processo de individuação atrelado a uma dialética da imaginação desembocará numa fundamentação da essência da identidade alma – Absoluto na intuição intelectual, entendida como princípio e conhecimento que supera infinitamente toda determinação conceitual e, ao mesmo tempo, efetiva o princípio transcendental e a causa imanente da equipossibilidade volitiva e cognitiva do puro sujeito-objeto.⁶

No seu ensaio sobre o *Timeu* o autor ressalta que o entendimento humano não constitui o verdadeiro *a priori*. São as ideias no entendimento divino que o constituem, ou

¹ SCHELLING, F.W.J. “Timaeus” (1794). Mit einem Beitr.: Genesis und Materie: Zur Bedeutung der „Timaeus“ – Handschrift für Schellings Naturphilosophie / von Hermann Krings. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1994 (Schellingiana; Bd. 4), pp.36-37.

² C.f. idem, p.38.

³ Sobre a questão da individuação em Schelling ver mais in: MORUJÃO, Carlos. *Schelling e o Problema da Individuação (1792-1809)*: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004. O tema central desta obra não é a correlação entre o processo de individuação e a dialética da imaginação em Schelling; trata-se de um compêndio sobre a questão da individuação no período de 1792-1809 da produção filosófica do autor.

⁴ Em especial no texto da *Filosofia da Arte*, elaborado para o curso ministrado nos semestres de inverno de 1802-1803, em Jena, e de 1804-1805, em Würzburg.

⁵ “(...) es für das Bewusstseyn selbst einen Punkt gebe, wo das Absolute selbst und das Wissen des Absoluten schlechthin eins ist”. In: SCHELLING, F. W. J. *Fernere Darstellungen*. Suhrkamp Verlag, Band II, p. I/4,366.

⁶ C.f. *Philosophie und Religion* (1804). Suhrkamp – Verlag; Bd. III. A fundamentação da essência da identidade alma – Absoluto na intuição intelectual é dada através da noção de queda (*Abfall*): “essa doutrina, tão clara e simples quanto elevada, é também a doutrina verdadeiramente platônica (...) Essa doutrina se encontra em cada página do Fédon.” - “Diese ebenso klare und einfache erhabene Lehre ist auch die wahrhaft platonische (...) Die nämlich Lehre findet ihr im Phädo auf allen Blättern verzeichnet”; pp. I,6,38-39.

seja, a origem dos conceitos puros do entendimento é o entendimento divino⁷. Segundo Hermann Krings, Schelling responde “platonicamente” à questão kantiana sobre a origem e fundamento dos conceitos puros. De fato, no texto sobre o *Timeu* de Platão, Schelling não faz menção alguma sobre o problema análogo em Kant, a saber: a relação entre a intuição sensível e os conceitos puros do entendimento que procura esclarecer no capítulo sobre o esquematismo, na primeira *Crítica*. Entretanto, Krings deixa margem para balizarmos tal leitura sobre o *Timeu*, quando diz: “o fundamento último para ele (Schelling) é o problema de uma fundamentação puramente transcendental da *Naturphilosophie*; não se trata mais de uma crítica da razão teórica.”⁸

Neste sentido, acrescentaríamos ao comentário de Krings: no ímpeto juvenil, intentando integrar à filosofia de Fichte a expressão formal de uma unidade última onde a totalidade esteja em concordância, Schelling força por demais a sua leitura sobre o *Timeu* e, nisso, é omissos com relação a Kant, pois uma “transcendentalização”, por assim dizer, da natureza, implica um fundamento último que, ao nosso ver, tem um caráter muito mais kantiano que platônico. De modo breve, a seguir, vamos esclarecer e justificar nosso adendo ao comentário de Krings.

Desde o começo de sua produção filosófica, Schelling tenta estabelecer uma associação interna entre o estudo da ciência da natureza e a sua questão filosófica.⁹ Ele via um fundamento filosófico na ciência da natureza. A tarefa da *Naturphilosophie* é expor esse fundamento. Contudo, a *Naturphilosophie* é somente uma parte da filosofia teórica que Schelling divide em duas partes:¹⁰ a) uma filosofia teórica pura que se ocupa com a realidade do saber em geral; b) uma filosofia teórica aplicada que, recorrendo à física, deduz o sistema inteiro da experiência a partir de princípios. A principal consequência desse primeiro período da filosofia de Schelling (1794-1800) é o novo sentido da relação entre o infinito e o finito: o universal se manifesta como sujeito-objeto objetivo (Natureza) até alcançar o espírito, de modo que o sujeito-objeto subjetivo possa construir a Natureza em si mesma.

⁷ In: SCHELLING, F.W.J. “Timaeus” (1794), op cit., p. 36: “Demnach, ware nach Plato die Form dieser Untersuchung eine reine, ursprüngliche Form, ohne die keine empirische Untersuchung möglich seyn würde, also eine Form, die auch im göttlichen Verstande ursprünglich vorhanden war, (...)”.

⁸ Idem, p. 124: “Im Hintergrund sthet ihn das Problem einer (transzendental begründbaren) Naturphilosophie, nicht das einer Kritik der theoretischen Vernunft.”

⁹ De um modo geral, a questão é: ao colocar o Eu absoluto em oposição à esfera da determinação finita, Schelling se defronta obrigatoriamente com duas questões: 1) como o incondicionado em si mesmo pode ser alcançado por nós? 2) como, a partir desse incondicionado enquanto puro ser, podemos conhecer o mundo determinado pela diversidade? In: *Vom Ich als Princip der Philosophie oder über das Unbedingte im menschlichen Wissen* (1795); Surkamp Verlag, Band I, p. I/1,160-180.

¹⁰ C.f. *Ideen zu einer Philosophie der Natur* (1797). Surkamp Verlag, Band I.

Portanto, a sua Filosofia da Natureza deve ser entendida como uma faculdade de conhecer com princípios da razão que são imanentes ao sujeito enquanto princípio desta faculdade. A Natureza é o reflexo objetivo da síntese absoluta que engendra imediatamente o universo. Esta síntese absoluta é o ato imediato da limitação originária da sequência real para a construção do mundo ideal, cuja primeira definição é *sujeito*. Mas é um sujeito com necessidade interna de passar ao objeto, de modo que ele enquanto princípio engendra tanto o juízo teleológico quanto o juízo estético que constituem a *equipossibilidade volitiva e cognitiva* da sequência ideal para a construção do mundo ideal.

O princípio estético de sua Filosofia da Natureza é um princípio transcendental. A fundamentação deste princípio estético leva a uma necessidade de caráter estritamente racional, de modo que a fonte última deste princípio se apresenta na filosofia da identidade como uma dialética da imaginação na unidade da razão ou em Deus;¹¹ por conseguinte, a síntese do esquematismo transcendental¹² se dá, igualmente e ao mesmo tempo, no subjetivo e no objetivo através de um agir simbólico, cujo ápice é a mitologia.¹³ Isso ocorre no âmbito da filosofia da identidade (1800-1804), pois, em total concordância com Kant, Schelling nunca pretendeu subverter em positivismo as suas considerações sobre a teleologia da Natureza.

Ele conhecia a concepção kantiana de finalidade que, a partir da admissão da finalidade lógica e no lugar da finalidade real, estabelece a finalidade absoluta cujo princípio não diz respeito nem às proposições do campo teórico e nem àquelas do prático porque a faculdade de julgar, cujas leis fundamentam os juízos teleológico e estético, não deve conter nenhuma proposição objetivamente determinante, caso contrário, perderia o seu caráter heurístico que “oscila entre todas as intuições singulares dos indivíduos dessa mesma espécie.”¹⁴

¹¹ Sobre o assunto, ver mais in: BARTH, Bernhard. *Schellings Philosophie der Kunst: göttliche Imagination und ästhetische Einbildungskraft*. München, Alber, 1991.

¹² sob o prisma empírico, a primeira condição da reflexão é a abstração; a condição da abstração é o juízo; a condição do juízo é o esquematismo empírico (uma intuição onde a regra é intuída como objeto e o objeto é intuído como regra de intuição) porque ele reúne novamente o conceito e o objeto separados no juízo; o esquematismo empírico deve ser suprimido pela abstração transcendental para que o entendimento alcance a intuição de si mesmo e, com isso, consegue separar o seu agir daquilo que surge para ele no seu agir; o esquematismo transcendental é explicado como o mediador mais originário entre o sentido interno e externo, pois ele e o tempo são idênticos. C.f. *System des transzendentalen Idealismus*, Hamburg, Meiner, 2000, pp. 55-57-81; Surkamp Verlag, Band I, p. I/3, 373-388.

¹³ In: OCHOA, Hugo Renato. *Mito y filosofía em Schelling*. São Paulo, Educ-Palas Athena, 2001, HYPNOS, ano 6 / n. 7-2 sem. 2001, pp. 25-36.

¹⁴ CJ, B 58. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1974, p. 327.

Isso dito, retomemos o ensaio sobre o *Timeu*. Em recente palestra, Renato Ochoa¹⁵ mostrou que Schelling identifica a racionalidade como princípio da relação entre ideia, representação e ideal tanto em Kant como em Platão. Mas os diferencia quanto ao tipo de relação, ou seja, de um lado a noção de movimento no *Timeu* de Platão viabiliza a ligação entre ideia e alma, por outro lado, a única ligação possível em Kant seria entre ideia e conceito.¹⁶ Ainda segundo Renato Ochoa, a ligação entre alma e ideia seria possível para Schelling porque o movimento,¹⁷ sendo uma propriedade da alma, constituiria uma espécie de nexos necessário entre oposições originariamente indissolúveis.¹⁸ Tal cisão, por sua vez, constituiria a faculdade de representação *a priori* da alma, donde, a formação de um ideal, isto é, a ideia que nunca se realiza por completo em nenhuma espécie, pois a oposição é originariamente indissolúvel. Assim como Krings, Ochoa ressalta que Schelling não faz menção alguma ao problema análogo que Kant busca adequar já na primeira *Crítica* e, nesse sentido, fica evidente uma certa omissão, por assim dizer, do jovem Schelling a respeito de seu débito com Kant, sobretudo com relação à doutrina do ideal da razão. Entretanto, tal doutrina é mencionada positivamente pelo Schelling tardio, mas de maneira bastante imprecisa:

“(...) desde a empreitada de Kant, se se considera todas as tentativas para avançar a filosofia ou aperfeiçoá-la, ninguém, que não estivesse geneticamente ligado a Kant e acreditasse poder escapar da trilha desse desenvolvimento, poderia se vangloriar de versar sobre um interesse mais universal; com isso em comum, todos se isolaram em seus pontos de vista e alcançaram no máximo um conhecimento particular sem agir efetivamente sobre a totalidade ou universal. Ora, os inúmeros historiadores, encontrados no próprio tempo da filosofia moderna, não têm o menor esclarecimento sobre a ligação genética acima mencionada, e nem ao menos se deram conta daqueles que compreenderam toda a posteridade como uma evasão simplesmente fortuita, arbitrária e infundada do kantismo e, também: com um ajuizamento pouco matizado, são completamente incapazes de indicar, na arquitetura do criticismo kantiano, o ponto preciso do qual decorre necessariamente todo o

¹⁵ Professor Titular do Departamento de Filosofia da PUC-Valparaiso, Chile. Palestra, sobre o ensaio em questão, apresentada em maio de 2011, PUC-SP, texto inédito.

¹⁶ De acordo com Hermann Krings, Schelling radicaliza no seu ensaio: na medida em que dá a entender que o problema kantiano da relação entre os conceitos puros e a intuição não encontra nenhum correlato no *Timeu* e, em contrapartida, a questão sobre as relações entre uma forma pura e a matéria assim como entre o entendimento e alma não encontrariam nenhum lugar na primeira *Crítica*; in: op. cit., 123.

¹⁷ C.f. op.cit. pp. 40-42.

¹⁸ O caráter necessário dessa noção de oposição originária é bem esclarecida no texto do *Sistema do Idealismo Transcendental* (1800).

desenvolvimento posterior. Este ponto se encontra, ao meu ver, na doutrina kantiana do Ideal da razão’’.¹⁹

A hermenêutica de tal imprecisão foi o mote de nossa tese de doutoramento cujo fio condutor pode ser transliterado kantianamente sob dois aspectos do conceito de esquema que Márcio Suzuki²⁰ nos mostra: num esquema técnico “do qual não se podia extrair a regra de construção” da “Ideia” da “ciência”; e, paradoxal e simultaneamente, tal menção tardia também pode ser interpretada, kantianamente falando, como um esquema arquetônico, pelo qual “a regra é absolutamente cristalina (...) como uma ordenação das partes de um todo segundo um fim ou como divisão do todo em membros a partir de uma Ideia”.

Breve: de um lado, o caráter técnico nos mostrou a impossibilidade de extrairmos “a regra de construção da Ideia de ciência”, em Schelling, a partir da concepção platônica de Ideia; por outro lado, tal regra deveria, de algum modo, estar contida numa hermenêutica do esquema arquetônico concebido por Kant.

A dificuldade, quanto à formulação de uma tese a partir dessa premissa, foi a seguinte: conforme Márcio Suzuki ressalta, a Ideia da razão, em Kant, não é passível de ser exibida por um esquema, mas somente por um análogo de um esquema e, por conseguinte, “a comparação entre sistema e organismo é temerária”.²¹ Portanto, consideramos o caráter de esquema arquetônico da seguinte maneira: se o ideal da razão é o que há de mais distante daquilo que pode ser determinável objetivamente e se ele só se realiza *in individuo*,²² então, essa realização *in individuo* do ideal da razão é necessariamente algo universal em dois vetores de um único agir: de um lado, as ideias são determinadas *in individuo* pela sua relação de necessidade para com o Absoluto, isto é, são determinadas *in individuo se* e somente *se* na unidade do ideal da razão; por outro lado, as ideias são determinadas *in individuo* por absoluta

¹⁹ SCHELLING, F. W.J. *Historisch-kritische Einleitung in die Philosophie der Mythologie* (1842): Sämtliche Werke, ed. K. F. A. Schelling, Stuttgart, 1856/1861 (1º seção, vols. 1-10; 2º seção, vols 1-4), II,1, 283; “(...) dass seit Kants Unternehmen unter den verschiedenen Versuchen die Philosophie weiter zu führen oder fortzubilden, keiner einer allgemeineren Theilnahme sich zu erfreuen hatte, der nicht in genetischem Zusammenhang mit Kant gestanden hätte, indess jeder, der aus der Continuität dieser Entwicklung heraustreten zu können glaubte, damit zugleich sich isolierte und seinem Standpunkt höchstens von einzelnen Anerkennung erwarb, ohne aufs Ganze oder Allgemeine die geringste Wirkung auszuüben. Es sind aber die zahlreichen Geschichtschreiber, welche die neueste Philosophie seit einiger Zeit gefunden, nichts weniger als im Klaren über den eben erwähnten genetischen Zusammenhang, und, diejenegen nicht gerechnet, welche alles Spätere als ein bloss zufälliges, willkürliches und unbegründetes Hinausgehen über Kant vorstellen, sind auch die weniger abschliessend urtheilenden wenigstens nicht im Stande, im Gebäude des Kantischen Criticismus den bestimmten Punkt anzugeben, an den die spätere Entwicklung sich als eine nothwendige Folge anschloss. Dieser Punkt findet sich meines Erachtens in Kants Lehre von dem Ideal der Vernunft”.

²⁰ SUZUKI, Márcio. “A Palavra como invenção, Heurística e linguagem em Kant”. In: *Studia Kantiana*, Revista da Sociedade Kant Brasileira, n. 6/7, março de 2008, pp. 29-61.

²¹ Idem, p. 39.

²² *CRP*, A 568, B 596.

liberdade na medida em que o Absoluto refere-se ao indivíduo produtor através do conceito eterno do indivíduo, isto é, através da alma entendida como *Potenz* resguardada na interioridade do sujeito da consciência individual. Enquanto *Potenz*, a alma é liberdade incondicionada e, enquanto tal, constitui a origem das classes de conceito.²³

Neste projeto de pesquisa pretendemos aprofundar o tema desenvolvido na tese de doutorado, a partir de uma questão subjacente à dialética da imaginação em Schelling, a saber: o próprio conceito kantiano de Ideia é a raiz da relação entre ideia, representação e ideal em Schelling que implica uma exposição simbólica. Kant afirma:

*“Entendo por ideia um conceito necessário da razão ao qual não pode ser dado nos sentidos um objeto que lhe corresponda. (...) Os conceitos puros da razão, são pois ideias transcendentais.(...) Assim, poder-se-ia dizer que a totalidade absoluta dos fenômenos é apenas uma ideia(...)”*²⁴

Na secção do “Sistema das Ideias Transcendentais” Kant demonstra que só há três classes de ideias transcendentais:²⁵ a primeira contém a unidade incondicionada do sujeito pensante, a segunda, a unidade incondicionada da série das condições dos fenômenos e, a terceira, a unidade incondicionada de todos os objetos do pensamento em geral. A primeira classe é objeto da psicologia, a segunda, da cosmologia e a terceira da teologia, de modo que: *“a razão pura fornece a ideia para uma doutrina transcendental da alma (psychologia rationalis), para uma ciência transcendental do mundo (cosmologia rationalis) e, por fim, para um conhecimento transcendental de Deus (theologia transcendentalis).”*²⁶

Assim sendo, ao contrário do que Schelling deixa a entender no seu ensaio do *Timeu*, a Ideia, em Kant, não está apartada da alma. Tal relação fica mais evidente nos “Paralogismos” onde encontramos: *“(...) a expressão eu, enquanto ser pensante, indica já o*

²³ No âmbito da filosofia da identidade, a sucessão de representações tem originariamente apenas uma direção. A ação recíproca só é possível porque a própria sucessão se torna objeto para o Eu, ou uma sucessão limitada para o Eu. Ela tem dois vetores: um real e outro ideal. Pelo lado real, a sucessão limitada ocorre através da organização ou através do organismo da Natureza. Por outro lado, só se a sucessão limitada ocorrer simultaneamente através de um organismo ideal é que pode ser respondida a questão sobre como o entendimento consegue reconhecer as categorias de relação. Este organismo ideal é a mitologia, que apresenta imediatamente para consciência ordinária as categorias realmente originárias: as categorias de relação. A mitologia em questão é a mitologia grega. Nela, Schelling encontra a exposição do simbólico que, por sua vez, sintetiza o esquemático e o alegórico. Exposição esquemática é aquela em que o particular é intuído por meio do universal. Exposição alegórica é aquela em que o universal é intuído pelo particular. De certo modo, as noções kantianas de esquema técnico e arquitetônico são subvertidas respectivamente em exposições alegóricas e esquemáticas e, por conseguinte, a Ideia aparece num modo análogo, por assim dizer, ao esquema kantiano, a saber: na exposição simbólica. C.f. *Filosofia da Arte*, tradução de Márcio Suzuki. São Paulo, Edusp, 2001, p. 69-73 (406-4011).

²⁴ *CRP*, A 327-328, B 384.

²⁵ *Idem*, A 334.

²⁶ *Idem*, A 334-335, B 391-392.

*objeto da psicologia, a que se pode chamar ciência racional da alma, se eu nada mais aspirar a saber desta a não ser o que se pode concluir deste conceito eu, enquanto presente em todo o pensamento e independentemente de toda a experiência (que me determina mais particularmente e in concreto).*²⁷

Ora, se, conforme mencionado, a Ideia, em Kant, só pode ser exibida por um análogo de um esquema, nunca diretamente por um esquema, então, tal análogo pode ser considerado a produção de uma faculdade de representação *a priori*, própria da alma. Tal faculdade, por sua vez, implica o agir incondicionado do ato de imaginar, por assim dizer.

2. RESULTADOS ESPERADOS

Com isso evidenciamos, em Schelling, a incongruência, ou a conseqüência danosa de seu ímpeto juvenil para integrar à filosofia de Fichte a expressão formal de uma unidade última onde a totalidade esteja em concordância: a dificuldade para estabelecermos uma hermenêutica apropriada que possibilite a compreensão de sua dialética da imaginação a partir de sua origem kantiana e não platônica. Isso implica o esclarecimento das seguintes questões: a) a razão pela qual Schelling menciona positiva e diretamente Platão quanto a relação Ideia e alma, seja no seu ensaio sobre o *Timeu*, seja num texto posterior como o *Filosofia e Religião* (1804); b) a razão pela qual Schelling, sobretudo no período de sua produção filosófica entre 1792-1804, não concede os devidos créditos a Kant, e quando o faz no período de sua produção filosófica, dita tardia, como é o caso anteriormente citado, o faz de modo bastante impreciso.

No âmbito da filosofia da identidade de Schelling, nossa tese de doutorado esclarece o papel e importância da concepção platônica da relação entre Ideia e alma quanto a hermenêutica de uma dialética da imaginação em Schelling e, também, esclarece a sua origem kantiana. Breve: a concepção de uma dialética da imaginação, em Schelling, está atrelada à noção do processo de individuação, inclusive a do próprio autor, cuja historicidade implica um processo progressivo do objetivo ao subjetivo. A exposição imediata de tal processo, por sua vez, é simbólica, daí as menções diretas e positivas a Platão. Na medida em que essa exposição simbólica contém em si uma hermenêutica, a passagem do objetivo ao subjetivo deve ser compreendida com as categorias de seu tempo, isto é, através da concepção kantiana da relação entre ideia, representação e ideal.²⁸

²⁷ Idem, A 341-342, B 399-400.

²⁸ Tal necessidade fica evidente, sobretudo, no texto do *Sistema do Idealismo Transcendental*.

Neste projeto de pesquisa pretendemos corroborar, através do ensaio sobre o *Timeu*, a origem kantiana da dialética da imaginação de sua filosofia da identidade. Donde a necessidade de iniciarmos nossa pesquisa com os “Paralogismos,” no que toca, sobretudo, “a ideia para uma doutrina transcendental da alma”. Noutras palavras: uma pesquisa sobre a relação entre Ideia e alma em Kant, a partir “Dos Paralogismos da Razão Pura”, pode ser o ponto de partida da seguinte compreensão: a dialética da imaginação em Schelling é, por assim dizer, o fio condutor de sua obra como um todo, independentemente de suas visíveis incongruências.

Neste sentido, o objetivo geral desse projeto de pesquisa de pós-doutoramento é ratificar a origem kantiana de sua dialética da imaginação a partir de um período anterior a sua filosofia da identidade; no caso, o seu ensaio sobre o *Timeu*. Com isso, obteremos material para validarmos ou não a nossa leitura de sua dialética da imaginação no período posterior a sua filosofia da identidade.²⁹

3. DESAFIOS CIENTÍFICOS E TECNOLÓGICOS E OS MEIOS PARA SUPERÁ-LOS

A dificuldade de nossa tarefa consiste em esclarecer o vínculo essencial que legitima, já no ensaio sobre o *Timeu*, uma dialética da imaginação em Schelling, a partir de sua origem em Kant e, por conseguinte, explicitarmos o problema que Schelling busca solucionar através de uma dialética da imaginação: o da transposição, por assim dizer, do objetivo pelo subjetivo, pois, como ressaltou Renato Ochoa³⁰ “se o princípio fundamental de que a matéria não pode ordenar a si mesma é um princípio de ordem transcendental, não material, então, como algo espiritual pode ser a causa da ordem do mundo material”?

Certamente é possível afirmarmos que o modo de Schelling ultrapassar os limites que Kant havia imposto à razão, sem cair em *Schwärmerei* ou em antinomias e paralogismos, é justamente recorrendo ao mito que exprime a identidade daquilo que é em si e não admite “composição” de ser e não ser. Entretanto, ainda segundo Ochoa, “desde a perspectiva kantiana que Schelling assume, a ausência de composição significa uma forma de *pureza* que só pode ter lugar na razão”. Ora, é justamente a identidade desta forma de “pureza” na razão que pretendemos, a partir do ensaio sobre o *Timeu*, esclarecer pelo viés do conceito de Ideia em Kant, levando em conta a secção “Dos Paralogismos da Razão Pura”. Na medida em que

²⁹Para tanto, os principais textos em questão serão os “ditos” escritos sobre a liberdade. A filosofia da identidade compreende o período entre 1800-1804. O texto *Filosofia e Religião* (1804), apesar de contemplar a filosofia da identidade, é um dos textos sobre a liberdade. Os outros escritos sobre a liberdade são: “...A essência da liberdade humana (1809),” “Lições de Stuttgart (1810),” “Conferências de Erlangen (1821).”

³⁰ Em palestra anteriormente mencionada.

tal identidade está atrelada à noção kantiana de esquema técnico-arquitetônico,³¹ ela só pode ser exibida por um análogo de um esquema que supomos ser a noção de movimento, implícita no *Timeu*.³²

Nossa hipótese desse análogo de um esquema resulta, de um lado, da atual pesquisa do Professor Doutor Márcio Suzuki, mais especificamente, de sua observação sobre a metáfora filosófica: “Quando a filosofia procede à transferência da forma de uma palavra,” ela deve aplicá-la “num campo inteiramente outro, que acolhe somente a regra do conceito. O que se transpõe é o esquema do conceito, sua forma de ordenar o diverso”.³³ Nesse sentido, Schelling dirá: “a linguagem mesma não é outra coisa que um contínuo esquematizar”.³⁴ Lembremos que esquema, para Schelling, é quando o particular é intuído pelo universal, mas isso não significa que o conceito de movimento do *Timeu*, enquanto um análogo de um esquema, contenha “o esquema próprio para o conceito” de identidade da forma da pureza na razão, antes, é um símbolo para a reflexão (*ein Symbol für die Reflexion*).³⁵

De outro lado, a atual pesquisa do Professor Doutor Renato Ochoa deixa margem para a seguinte consideração: talvez, o sentido fundamental tanto da *Crítica da Razão Pura* como do *Timeu* seja a perfeita correspondência entre a pureza da forma e a razão. Daí a possibilidade de tecermos nossa hipótese sobre o conceito de movimento no *Timeu*: exibição do análogo de um esquema para a ligação entre alma e ideia em Kant que, por sua vez, é a origem da relação entre ideia, representação e ideal em Schelling. Como já mencionado, tal relação, implica uma exposição simbólica.

No mais, dada a ligação e pertinência do tema em questão com a atual pesquisa do supervisor Professor Doutor Márcio Suzuki e com a do Professor Doutor Renato Ochoa, a concessão de uma bolsa para esta pesquisa possibilitará um intercâmbio simultâneo entre os Departamentos de Filosofia da USP e PUC-Valparaíso (Chile) junto à Schellinguiana da Baviera,³⁶ proporcionando, por conseguinte, um vínculo acadêmico internacional bastante

³¹ C.f. SUZUKI, Márcio. “A Palavra como invenção, Heurística e linguagem em Kant”. In: *Studia Kantiana*, Revista da Sociedade Kant Brasileira, n. 6/7, março de 2008, p. 40: “O esquema é um esboço do todo a ser estabelecido. Esse esboço é concebido ao mesmo tempo em termos técnicos e orgânicos: é ele que ordena uma multiplicidade de elementos para um fim determinado ou faz uma *divisão do todo em membros conforme a Ideia*”.

³² C.f. op.cit. pp. 40-42.

³³ C.f. SUZUKI, Márcio. “A Palavra como invenção, Heurística e linguagem em Kant”. In: *Studia Kantiana*, Revista da Sociedade Kant Brasileira, n. 6/7, março de 2008, p.46.

³⁴ Idem, p.47.

³⁵ Idem, p.52.

³⁶ conforme carta convite do Professor Doutor Renato Ochoa, que anexamos ao nosso projeto de pesquisa de pós-doutoramento em Filosofia.

profícuo no que toca, sobretudo, a compreensão das “viradas” filosóficas que Schelling faz durante sua vida.

4. CRONOGRAMA

1) Pesquisa sobre a relação entre Ideia e alma em Kant, a partir “Dos Paralogismos da Razão Pura,” = 6 meses.

2) Análise do conceito de movimento implícito no ensaio sobre o *Timeu* e sua possível correlação com “a ideia para uma doutrina transcendental da alma” de Kant, = 6 meses.

3) Análise dos resultados obtidos e suas implicações nos seguintes escritos de Schelling sobre a liberdade:

a) “Filosofia da Religião” (1804) e “(...) Essência da Liberdade Humana” (1809), = 6 meses.

b) “Lições de Stuttgart (1810),” e “Conferências de Erlangen (1821).” = 6 meses.

Total = 24 meses.

5) DISSEMINAÇÃO E AVALIAÇÃO

Os resultados obtidos a cada seis meses serão avaliados através de reuniões com o supervisor Professor Doutor Márcio Suzuki e através de períodos de estágios no Departamento de Filosofia da PUC-Valparaíso (Chile), sob a supervisão do Professor Doutor Renato Ochoa. A disseminação dos resultados ocorrerá mediante:

1) apresentação de seminários

2) apresentação de relatórios a cada seis meses.

3) publicação de pelo menos um artigo durante a vigência da bolsa.

6) OUTROS APOIOS

Pesquisa bibliográfica na Schellingiana da Baviera.

7) BIBLIOGRAFIA

OBRAS DE SCHELLING

SCHELLING, F.W.J. “*Timaeus*” (1794). Mit einem Beitr.: Genesis und Materie: Zur Bedeutung der „*Timaeus*“ – Handschrift für Schellings Naturphilosophie / von Hermann Krings. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1994 (Schellingiana; Bd. 4).

– *Erlanger Vorträge*: Sämtliche Werke, ed. K. F. A. Schelling, Stuttgart, 1856/1861.

– *Fernere Darstellungen*. Frankfurt am Main: Surkamp Verlag, Band II, 1985.

- *Filosofia da Arte*, tradução de Márcio Suzuki. São Paulo, Edusp, 2001. *Vom Ich als Princip der Philosophie oder über das Unbedingte im menschlichen Wissen* (1795). Frankfurt am Main: Surkamp Verlag, Band I, 1985.
- *Historisch-kritische Einleitung in die Philosophie der Mythologie* (1842): *Sämtliche Werke*, ed. K. F. A. Schelling, Stuttgart, 1856/1861.
- *Ideen zu einer Philosophie der Natur* (1797). Frankfurt am Main: Surkamp Verlag, Band I, 1985.
- *Philosophie und Religion* (1804). Frankfurt am Main: Suhrkamp – Verlag; Bd. III, 1985.
- *System des transzendentalen Idealismus*. Hamburg, Meiner, 2000.
- *Stuttgater Privatvorlesungen: Sämtliche Werke*, ed. K. F. A. Schelling, Stuttgart, 1856/1861.
- *Philosophische Untersuchungen über das Wesen der menschlichen Freiheit(...)*: *Sämtliche Werke*, ed. K. F. A. Schelling, Stuttgart, 1856/1861.
- *Vom Ich als Princip der Philosophie oder über das Unbedingte im menschlichen Wissen* (1795). Frankfurt am Main: Surkamp Verlag, Band I, 1985.

ESTUDOS SOBRE SCHELLING

- BARTH, Bernhard. *Schellings Philosophie der Kunst: göttliche Imagination und ästhetische Einbildungskraft*. München, Alber, 1991.
- KRINGS, Hermann. *Genesis und Materie: Zur Bedeutung der „Timaeus“ – Handschrift für Schellings Naturphilosophie*, in: SCHELLING, F.W.J. “Timaeus” (1794). Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog, 1994 (Schellingiana; Bd. 4).
- MORUJÃO, Carlos. *Schelling e o Problema da Individuação (1792-1809)*: Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- OCHOA, Hugo Renato. *Mito y filosofia em Schelling*. In: São Paulo, Educ-Palas Athena, 2001, HYPNOS, ano 6 / n. 7-2 sem. 2001, pp. 25-36.

OBRAS DE KANT

- KANT, Immanuel. *Kritik der reinen Vernunft*. Riga: bei Johann Friedrich Hartknoch.
- *Kritik der Urteilskraft*. Berlin: bei Lagarde und Friedrich.
 - *Crítica da Razão Pura*. Lisboa, Calouste Gulbekian, 1997.
 - *Crítica do Juízo*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1974.

ESTUDOS SOBRE KANT

- SUZUKI, Márcio. “A Palavra como invenção, Heurística e linguagem em Kant”. In: *Studia Kantiana*, Revista da Sociedade Kant Brasileira, n. 6/7, março de 2008, pp. 29-61.
